

**A FANTASIA COMO ELEMENTO DE ACUSAÇÃO DA REALIDADE  
ESTABELECIDADA: UMA INTERPRETAÇÃO FILOSÓFICA DE FREUD EM  
MARCUSE**

Ramom Gomes da Silva\*

**Resumo:** Esse trabalho tem por objetivo apresentar a fantasia como elemento que contém um alto grau de liberdade presente na sociedade estabelecida. Marcuse buscou brechas onde a dominação imposta não se efetivou por completo, assim a fantasia/imaginação, apesar de seu caráter subjetivo, acusa na realidade os desejos e liberdades que foram traídos ao longo da constituição da civilização, e tem na arte sua forma explícita do “retorno do reprimido”. A imaginação, por meio das manifestações artísticas, apresentam seu caráter dialético: não só traz lembrança de um passado glorioso mas também apontam um futuro que necessita de transformação da realidade presente.

**Palavras-chave:** Pensamento negativo. Arte, Linguagem. Imaginação. Libertação.

**FANTASY AS AN ELEMENT OF ACUSTABILITY OF ESTABLISHED  
REALITY: A PHILOSOPHICAL INTERPRETATION OF FREUD IN  
MARCUSE**

**Abstract:** This work aims to present fantasy as an element that contains a high degree of freedom present in established society. Marcuse sought gaps where domination was not fully realized, therefore fantasy/imagination, in spite of its subjective character, highlights in reality the desires and liberties that were betrayed throughout the constitution of civilization, and has in art as an explicit form of "Return of the repressed". The imagination, through the artistic manifestations, presents its dialectical character: not only brings remembrance of a glorious past but, it points to a future in which it needs a transformation of present reality.

**Keywords:** Negative thought. Art, Language. Imagination. Freedom.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho se pretende apresentar a fantasia como alternativas de superação subjetiva da lógica de dominação, a partir do pensamento de Herbert Marcuse. A tese que é a apresentada no livro *Eros e Civilização: uma interpretação filosófica de Freud (1955)*, e posteriormente também trabalhada no livro *Ideologia da Sociedade Industrial: o homem unidimensional (1964)*, era que o homem só podia evitar um estado

---

\* Pós-Graduando em Ensino de Filosofia e teologia pela Faculdade Unica de Ipatinga (UNICA); Graduando em Agronomia. Pela Universidade Internacional da Integração da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB); Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), 2017. E-mail: s\_ramom@yahoo.com.br.

Beligerante mediante o estabelecimento de um novo ponto de partida, pelo qual pudesse reconstruir o sistema produtivo sem aquele “ascetismo do mundo interior” que forneceu as bases mentais para a dominação.

A sociedade industrial avançada cria necessidades estabilizantes e conservadoras com as quais impedem o desenvolvimento das potencialidades humanas de forma autônoma. O *Homem Unidimensional* é uma análise da sociedade industrial avançada e das tendências do capitalismo tardio, na qual o filósofo procurou nos mostrar as novas formas de controle e dominação dos indivíduos na contemporaneidade. Além desses fatores, os meios de dominação desse sistema tem se mostrado mais eficientes e eficazes daqueles do antigo regime, absolutismo. Dessa forma, sem uso de um terror aberto, tem-se total domínio das esferas da existência humana, sejam elas públicas ou privadas.

Marcuse retoma algumas questões da teoria freudiana das pulsões como forma de demonstrar a necessidade de se construir uma nova sociedade sem a mais-repressão das pulsões humanas, algo que para Freud seria um retorno a um estado primitivo de existência, onde o homem não representava mais que um feixe de impulsos desejando uma satisfação de forma imediata. Marcuse reconhece a fantasia como atividade mental livre das ações do princípio de realidade que contem um alto grau de liberdade que se objetiva nas expressões artísticas de forma a recusar aceitação da realidade dos fatos dados.

Nesse sentido, a arte em Marcuse surge como uma linguagem de negação do estabelecido no mundo em que parece ter morrido toda forma poética de expressão, a realidade tem sua própria lógica e para compreendê-la e transcendê-la pressupõe-se uma lógica diferente, assim temos com objetivo específico mostra, mesmo que de forma geral, o modo pelo qual a fantasia/memória se apresenta, dentro dá teoria marcuseana, como um elemento subjetivo de rompimento da lógica de dominação da sociedade industrial avançada.

## **AUSÊNCIA DE UM PENSAMENTO NEGATIVO CONTRAPOSTO À LOGICA DE DOMINAÇÃO**

Marcuse tem como uma de suas maiores preocupações, o desenvolvimento desenfreado da tecnologia, da racionalidade tecnológica presente na sociedade industrial desenvolvida, a

realidade estabelecida parece como promissora e produtiva, tanto para absorver como para repelir as alternativas, assim, a afirmação e reprodução dessa lógica parece não soar estranha aos indivíduos.

A civilização alcançou elevados padrões de vida, onde os desejos e aspirações são contidas por meio do consumo das mercadorias e estado de Bem-Estar que configura um padrão de vida da sociedade industrial avançada, é um estado marcado por restrição da liberdade em virtude da dominação exercida pela sociedade industrial avançada.

Marcuse tem Hegel como o centro de sua filosofia, isto é, “é um escritor crítico: a crítica ao modo de vida atual significa a manifestação de um dos lados daquela negatividade que Marcuse identificará como sendo o núcleo da dialética de Hegel” (DORIA, 1983, p. 18) e ainda afirma que a dialética se constitui com esse caráter negativo, onde a partir desta, é possível a realização de um procedimento dialético genuíno.

O livro *Razão e revolução: Hegel e o advento da teoria social (1941)* foi escrito como forma de contribuir para a revitalização, não de Hegel, mas do poder do pensar negativo que ele considera como fator decisivo para a compreensão dessa realidade. Para ele, o pensar negativo é essencialmente a negação das coisas que se apresentam a nós de forma imediata, é o momento pela qual podemos olhar a realidade de outra forma e poder ver os desacordos nela presentes.

Marcuse trata o modo dialético de pensamento como estranho ao universo estabilizado de discurso e ação, no seu tempo – e atualmente, onde a dimensão crítica – faculdade mental que segundo ele está na eminência de ser extinta – torna-se decisiva para encontrar as contradições presentes no *status quo*. “Hegel via no *poder da negatividade* o elemento vital do Espírito, e, por aí, em última análise, o poder de compreender e alterar as potencialidades amadurecidas, os fatos dados” (MARCUSE, 1978, P. 402).

O modo dialético de pensar se tornou estranho ao universo estabelecido do discurso e da ação em decorrência do avanço da civilização tecnológica. Essa sociedade procura barrar todo tipo de pensamento crítico que poderia pôr em risco o sistema de dominação. “O específico do pensar dialético é revelar o negativo a partir do positivo que já está posto” (GADANHA 2007, p. 22).

O pensamento negativo não se restringe apenas a uma crítica a lógica do conformismo, mas a uma crítica ao estado de coisas existente em seu próprio fundamento. A efetivação da dialética enquanto negatividade se dá por compreender a realidade como diferente, desse modo, o pensar dialético tem seu início quando compreendemos que as coisas podem ser mais do que é apresentado a nós, “realidade não é o que se apresenta positivamente enquanto elemento

isolado, realidade e este elemento que aí – está, a sua aparência” (GADANHA, 2007, p. 22).

O pensar negativo é a força que move o pensamento dialético utilizado para análise dos fatos em termos de sua inadequação interna. O caráter negativo do pensamento dialético tem uma dupla tarefa: primeiramente indicar e anular as categorias fixas do senso comum, e em segundo lugar mostrar que o mundo como se apresenta, como é designado, é falso. A existência das coisas é negativa. A negação determina o que cada coisa é em seu próprio ser, o mundo em si é contraditório, e dizer que as coisas são contraditórias é dizer que a essência das coisas contradiz um determinado estado de coisas.

Nada é real (a não ser) que se sustente na existência, na luta de vida e morte como situação e condição de sua existência [...] realidade é resultado constantemente renovado do processo de existência – o processo, consciente o inconsciente em que ‘o que é’ torna-se o outro de si (GADANHA, 2007, p. 6).

O poder do negativo amplamente barrado atesta a revolta que foi traída, não há mais um inimigo a ser combatido, destronado, a revolta se volta contra um todo organizado, o inimigo é dissolvido na própria administração e integração do funcionamento da máquina de produção. A realidade das pessoas, sobre o domínio da sociedade avançada, é estritamente realidade tecnológica, o sujeito está ligado de forma íntima como os objetos produzidos.

## **INTEGRAÇÃO DA CULTURA NA REALIDADE ESTABELECIDADA**

A crescente produtividade por meio do desenvolvimento da tecnologia, não proporcionou apenas uma integração política da sociedade, houve também uma integração na esfera da cultura. Marcuse ao se referir a problemática da cultura explícita que o progresso da racionalidade tecnológica age, de certa forma, com o intuito de liquidar os elementos de oposição e transcendência da “Cultura superior”, além disso, ele afirma que a racionalidade tecnológica atua de forma a sucumbir o processo de dessublimação existentes nas regiões mais avançadas da sociedade contemporânea. “O homem de hoje podem fazer mais que os heróis da cultura e semideuses; ele resolvei muitos problema insolúveis. Mas ele também traiu a esperança e destruiu a verdade que estava preservadas nas sublimações da cultura superior” (Marcuse 2015, p. 85).

Marcuse nos diz que a cultura possui um caráter afirmativo<sup>101</sup> quer dizer: se tornou

---

<sup>101</sup> Marcuse no texto *Sobre o Caráter afirmativo da cultura* (2001), define cultura afirmativa como aquela cultura pertencente a período burguesa que no curso de seu próprio desenvolvimento levaria a

possível questionar sua negatividade, sua dimensão emancipatória. Ele considera que a cultura podia ser entendida como responsável por guardar os desejos e imagem de libertação que conferiam um sentido à vida das pessoas. A cultura retinha os elementos da negatividade da realidade, que em determinadas situações, em que os homens deixariam de ser fins em si mesmo, tornando-se instrumentos de acumulação.

Ao se referir à cultura, afirma que ela, de certa forma, sempre esteve afastada da realidade, a cultura superior sempre fez parte de uma classe privilegiada e raramente tocou a realidade com seus ideais, contudo, a cultura superior ocidental foi um protesto, uma recusa, uma acusação contra a civilização. A tensão existente entre civilização e cultura foi aos poucos sendo posta em questionamento devido à incorporação sistemática da cultura na civilização.

Cultura pode se definir como um conjunto que engloba entre seus elementos certos valores como: morais, intelectuais e estéticos, esses valores surgem como meta de uma sociedade que visa a um processo de humanização. Assim a cultura não se restringe a uma ideologia, mas aparece como um “esforço coletivo para conservar a vida humana, pacificar a luta pela existência ou mantê-la dentro dos limites controláveis [...] desenvolver as capacidades intelectuais dos homens e diminuir e sublimar a agressão, a violência e a miséria” (MARCUSE, 2001, p. 79).

A integração da cultura na civilização tecnológica tem por meta a eliminação dos seus agentes transcendentais, tendendo assim, a liminar ou reduzir, frente aos novos modos de organização social, os elementos que eram antagonistas, alheios à realidade estabelecida. Em síntese esses elementos se tornaram afirmativos, estão a serviço dos interesses da sociedade trabalhando contra a cultura como forma de elevação espiritual, nessa perspectiva a cultura se apresenta como crítica à ordem e a ideologia da sociedade estabelecida.

A nova característica de hoje é o enfraquecimento do antagonismo entre cultura e realidade social através da invalidação dos elementos de oposição, alienação e transcendência da cultura superior, em virtude dos quais ela constitui *outra dimensão* da realidade. Essa eliminação da cultura *bidimensional* não acontece por meio da negação e rejeição dos ‘valores culturais’, mas por sua completa incorporação à ordem estabelecida, por meio de sua reprodução e exibição em escala massiva (MARCUSE 2015, p. 80).

Essa integração tornou possível a democratização da cultura, por outro lado, para conservar o conteúdo de conhecimento destas obras, surge a necessidade de capacidade

---

distinguir e elevar o mundo espiritual-anímico como uma esfera de valores autônoma, em relação à civilização, MARCUSE, Herbert *Cultura e Psicanálise*, paz e terra, São paulo, 2001.

espirituais e de uma consciência intelectual que não estejam adaptadas a lógica de pensar promovidas pela civilização dominante.

Esta sociedade necessita de modos operacionais de pensamento e ação para garantir que os ideais de dominação sejam aceitos, defendidos, melhorados e repassados a gerações seguintes. A eliminação do conteúdo antagônico da cultura superior rompeu com a possibilidade das pessoas agirem e se desenvolverem de forma mais autônomas. Todavia, Marcuse afirma que a cultura superior não desapareceu, ela ainda existe, ela é mais acessível, é lida, vista e ouvida pela maioria das pessoas como jamais foi, “porém, a sociedade boqueou há muito tempo os domínios espirituais dentre dos quais essa cultura poderia ser entendida em seus conteúdos cognitivo e em sua verdade determinada” (MARCUSE, 2001 p. 88).

Toda obra autêntica de arte, literatura, música e filosofia falam uma metalinguagem que transmitem ao existente uma linguagem que se opõe aos fatos dados. O operacionismo de pensamento e de comportamento remete estas verdades expressas pela dimensão estética a dimensão pessoal, subjetiva e emocional, algo que se torna fácil de ser ajustado ao existente e desviado de seu conteúdo. Assim o aspecto de transcendência crítica e de melhora qualitativa é restringido pela incorporação dos elementos negativos ao positivo,

A integração dos valores culturais na sociedade existente supera (*aufheben*) a alienação da cultura frente a civilização, e com isso nivela a tensão entre ‘dever’ (*Sollen*) e ‘ser’ (*Sein*) (que é uma tensão real e histórica), entre potencial e atual, futuro e presente, liberdade e necessidade. (MARCUSE, 2001. p.89).

O papel da arte e da literatura antes da assimilação desses valores culturais na sociedade era o de manter e garantir a contradição, o aspecto negativo da cultura de massa. O que Marcuse chamou de a “consciência infeliz”, era a consciência de um mundo dividido entre os desejos, esperanças, e das promessas de liberdade e felicidade que foram traídas. A cultura era a alienação da realidade estabelecida, nela estava contida uma força racional que poderia revelar uma dimensão da existência humana que estava reprimida e também repelida pela realidade. Nela estava contido certos valores de verdade, certas imagens e sonhos que são de uma cultura pré-tecnológica, por isso, muitas das vezes, eram considerados ultrapassados, mas, ao mesmo tempo, se tornam a possibilidade de uma realização de uma sociedade pós-tecnológica.

Suas mais avançadas imagens e posições parecem sobreviver à sua absorção em confortos e estímulos administrados; elas continuam assombrar a consciência com a possibilidade de seu renascimento na realização do progresso técnico. Elas são expressões daquela alienação livre e consciente diante das formas estabelecidas de vidas

(MARCUSE, 2015, p. 88).

A sociedade tecnológica, no percurso de seu desenvolvimento minou não apenas as formas tradicionais da arte enquanto alienação da realidade, tratou de minar as bases pelas quais a dimensão estética se sustentava como alienação. Essa dimensão alienante da realidade passou a ser incorporada na sociedade estabelecida como adornos a serviço do existente, a forma artística capaz de alterar a consciência reificada foi alterada por essa cultura afirmativa, “o progresso dessa civilização exige modos de pensar operacionais e traduzíveis em atitudes apropriadas para aceitar a racionalidade produtiva do sistema social dado, para defendê-los e melhorá-los, mas não para negá-los” (MARCUSE, 2001, p. 84-85).

### **A ARTE COMO UMA LINGUAGEM DE RESISTÊNCIA À REALIDADE ESTABELECIDADA**

Marcuse passa a se preocupar com a arte após identificar que na sociedade presente parecia ter morrido toda forma prosaica e tradicional de comunicação autêntica, capaz de dizer o que as coisas são, onde parece não haver nenhuma linguagem capaz de falar ao mundo (sobre o mundo) que aquilo que se apresenta diante de nós que é considerado, muitas das vezes, como verdades absolutas, não o é. O artista seria aquele capaz de reconhecer no mundo as contradições existentes que passam despercebido ao sujeito, o sujeito ajustado e identificado com esse sistema deixa de perceber que o mundo a sua volta poderia ser regido por outros valores baseado nas realizações autônoma da existência humana.

Dessa maneira, passa a considerar a arte como única linguagem capaz de mostra a realidades dos fatos em suas inadequações internas, mostrar que tudo aquilo que nos cerca é uma realidade coisificada. Há uma necessidade de uma linguagem que possa desmascarar a realidade mutilada mas, que apesar disso, também procurar encontrar alternativa de superação dessa unidimensionalidade<sup>102</sup> individual e social.

A própria linguagem, de acordo com a análise de Marcuse, sofreu as consequências desse processo: as palavras passaram a ser utilizadas como se o significado delas fosse “natural” e os seres humanos

---

102 Marcuse propõe a interpretação do termo “Unidimensional” como conformidade ao pensamento e comportamento existente, e, tal vez o aspecto mais importante, a ausência de uma dimensão crítica e de uma dimensão de potencialidades que poderiam transcender a sociedade existente. Este adjetivo é usado por Marcuse pra descrever práticas que se conformam a estrutura preexistente, norma e comportamentos, em que s contrasta o estado d coisas estabelecido. KELLNER, Douglas. *Prefácio*. In: O Homem Unidimensional, 2015, p.12.

deixaram, em geral, de reconhecer a necessidade de refletir (do latim *reflectere*, debruçar-se outra vez) sobre elas (KONDER, 2010, p. 80).

Marcuse considera a arte como único elo existente que possa fazer a ligação entre passado e o futuro, entre a realidade estabelecida e uma sociedade construída com bases em valores que se afastam dos valores mercadológicos. A sociedade estabelecida absorve qualquer atividade que não tenha ligação com o capital, assim, a arte enquanto comunicação e representação de um mundo diferente do que está posto se torna inválida. “Os conceitos tradicionais e as palavras usadas para designar uma sociedade melhor [...], Parecem despojados de significado hoje em dia. São inadequados em comunicar o que homens e coisas possam ser e devem ser” (MARCUSE, 2000, p. 260).

O surrealismo aparece nesse contexto como aqueles responsáveis por transmitir uma linguagem que não se curva a linguagem do *establishment*, aparece como uma metalinguagem, uma linguagem de negação que transcende a realidade estabelecida do discurso e da ação. Segundo Löwy (2002), afirma que o surrealismo não é e nunca foi uma escola literária ou um grupo de artistas, mas sim um movimento de revolta e uma tentativa de subverter, e de (re)encantar o mundo obscurecido pela civilização burguesa, eles se apresentam como um protesto ao espírito mercantilista e a lógica mesquinha da sociedade capitalista industrial.

A arte como linguagem de negação só pode cumprir seu papel se mantendo alheia a realidade, dessa forma, a linguagem da arte permanece uma linguagem da imaginação, da acusação e do protesto, onde essa imaginação são os desejos e arquétipos de um tempo áureo manifesto na realidade presente, com o intuito de apontar para um futuro diferente do que está dado. No mundo em que tudo está posto, todas as coisas agem de forma a consolidar o aumento do capital, o valor de uso cedeu espaço ao valor de troca, manter uma arte por si mesma é está de posse de um elemento que vai de encontro com o a realidade estabelecida, nesse sentido a arte assume uma posição política. “como um rito ou não, a arte contém a racionalidade de negação. Em suas condições avançadas ela é a grande recusa – o protesto contra o que é” (MARCUSE, 1979, p. 75).

Marcuse em *A dimensão estética* (2007) nos diz que a arte pode ser revolucionária em vários aspectos, mas que no sentido estrito, quando ela apresenta apenas uma mudança no estilo ou na técnica não a tornam uma arte verdadeiramente autêntica e revolucionária. Mas para a arte se apresentar com autêntica e revolucionária ela deve mostrar a ausência de liberdade e felicidade na realidade, e identificar as forças que agem contra uma realização autônoma das pessoas. Assim, ela se mostraria capaz de romper com a realidade reificada e se tornar revolucionária na medida em que se apresenta como subversão ao *status quo*.



Marcuse ainda acrescenta que a arte insiste em refletir uma dinâmica na verdade que ela mesma criou. A arte abre uma dimensão sujeita a novas experiências, onde essas experiências são marcadas por um mundo que não está subjogado aos controles exercidos. Nessa experiência os indivíduos têm um encontro com verdades da arte transmitida por uma linguagem e imagem que tornam perceptível, audível e visíveis o que não está percebido na vida diária, “a lógica interna da obra de arte termina na emergência de outra razão, outra sensibilidade, que desafiam a realidade e a sensibilidade incorporada nas instituições dominantes” (MARCUSE, 2007, p. 17).

A verdade da arte se encontra no poder que a tem em cindir o monopólio do *establishment* e apresentar a essência da realidade na aparência dada. A realidade representada sob a forma estética se dá uma remodelação da linguagem, da percepção e da compreensão, arte nesse sentido é realidade estilizada, “o mundo da arte é de outro *Princípio de Realidade*, de alienação – e só como alienação é que arte cumpre uma função cognitiva: comunica verdade não comunicáveis noutra linguagem; *contradiz*” (MARCUSE, 2007, p. 19).

## **FANTASIA, ELEMENTO DE LIBERTAÇÃO**

A teoria psicanalítica de Freud tem por fundamento a contínua repressão das pulsões humanas para que haja o surgimento da civilização, a livre gratificação das necessidades instintivas se tornou incompatível com a sociedade civilizada, nesse sentido, a história da civilização se tornou a história da subjugação, da dominação e repressão do ego sobre o id, a civilização, segundo Freud, tem seu início quando o objetivo primário, isto é, a satisfação das pulsões humanas de forma imediata, foi abandonada.

Sabemos que o princípio de prazer é próprio de um método primário de funcionamento do aparelho mental, mas que do ponto de vista da autopreservação do organismo entre as dificuldades do mundo externo ele é desde o início, ineficaz e até mesmo perigoso. Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade. (FREUD, 1976, p. 20).

O livro *Eros e Civilização (1955)* traz uma interpretação filosófica do pensamento de Freud onde nos é apresentando as bases mentais pelas quais a sociedade *afluente* veio a se desenvolver. As ideias que foram desenvolvidas a partir da reinterpretação do pensamento freudiano são categorias psicológicas, mas essas categorias não se limitaram apenas ao campo da psicologia, pois elas se converteram em categorias políticas e tal conversão proporcionou o rompimento da fronteira que existia entre psicologia de um lado e política e filosofia de outro.

"os processos psíquicos anteriores autônomos e identificáveis estão sendo absorvidos pela função do indivíduo no Estado - pela sua existência pública (MARCUSE 1972, p. 25).

Desse modo os problemas que antes eram restritos apenas ao campo da psicologia hoje fazem parte dos problemas políticos. Pois alguns dos problemas que podem ser julgados como particular, na verdade, podem ser identificado como parte de um todo que está adoecido. Para entendermos a questão da fantasia e qual seu papel na teoria crítica de Marcuse, torna-se necessário fazer uma retomada do caminho percorrido por ele para uma melhor compreensão desse termo e de sua função desempenhada.

A origem da civilização a partir da perspectiva freudiana é marcada por uma ausência de liberdade e felicidade, onde a felicidade está à custa das realizações materiais. Liberdade e felicidades são incompatíveis com essa realidade, pois o início na civilização pede a renúncia constante dos prazeres momentâneos. O homem reconheceu que viver de modo a satisfazer integralmente seus impulsos custaria, muito das vezes, sua própria vida.

O reconhecimento da impossibilidade de viver sob pleno domínio dos instintos provocou uma conversão do homem-animal em homem civilizado. Nessa passagem de regência de um princípio prazer em princípio de realidade, houve o reconhecimento traumático da impossibilidade de continuar viver sob o domínio dos impulsos primitivos. Isto é, possibilitou que homem pudesse desenvolver sua razão e daí reconhecer que seria melhor viver de maneira a satisfazer suas necessidades de forma adiada, porém garantida. "O homem animal converte-se em ser humano somente através de uma transformação fundamental de sua natureza, afetando não só os anseios instintivos, mas também os 'valores' instintivos" (MARCUSE, 1972, p. 34).

O governo do princípio de realidade propicia algo além das relações sociais, de um feixe de impulsos incontrolados, passou a um ego organizado. Como o próprio Marcuse diz: "sob o princípio de realidade, o ser humano desenvolve a função da *razão*: aprende a 'examinar' a realidade, a distinguir entre bom e mau, verdadeiro e falso, útil e prejudicial" (MARCUSE, 1972, p. 35), com o domínio do princípio de realidade sobre o princípio de prazer, temos o desenvolvimento da razão e do aparelho mental que ficou tripartido entre Id, Ego e Superego.

O id é a parte do aparelho mental que não está sujeito às ações exteriores, segundo Freud (2006) é a camada maior mais antiga, é o domínio do inconsciente. Ele está isento das formas e princípios que constituem o indivíduo consciente e social, não é afetado pelo tempo e nem perturbado por contradições. Em linhas gerais o Ego tem a tarefa de fazer a comunicação entre o ID e a realidade externa e não permitir que ele

venha a tona no mundo exterior. Já o superego é o aspecto moral da personalidade, produto da internalização dos valores e padrões recebidos dos pais e da sociedade. Tudo aquilo que é da esfera instintiva esta reprimido foi alocado para o inconsciente, entretanto algo ficou livre da ação da realidade externa e tem livre acesso as duas realidades, que é a fantasia.

### **A FANTASIA COMO FORÇA MENTAL DE OPOSIÇÃO AO PRINCÍPIO DE REALIDADE**

Ao analisar a sociedade unidimensional Marcuse busca brechas onde a ordem de dominação não obteve um domínio efetivo, percebe que há certas potências mentais que permaneceram livres e não foram submetidas ao princípio de realidade. Isso por que, o princípio de prazer continua atuando de maneira não reprimida, mas apenas no inconsciente. E no inconsciente os desejos, imagem e os arquétipos de liberdade não podem servir de padrão para a consciência. A fantasia surge como a única atividade mental que está livre do domínio do princípio de realidade e das alterações culturais, mantendo-se, de forma íntima, uma relação com o princípio de prazer,

O inconsciente retém os objetivos do princípio de prazer derrotado. Rechaçado pela realidade externa ou mesmo incapaz de atingi-la, a força total do princípio de prazer não só sobrevive no inconsciente, mas também afeta, de múltiplas maneiras a própria realidade que superou o princípio de prazer (MARCUSE, 1972, p. 36).

Dentro da teoria freudiana a fantasia não se encontra apenas livres das ações das forças externas, mas a função que ela desempenha dentro desse estrutura mental é de fazer as ligações de uma camada a outra, de ligar inconsciente e consciente. Dessa forma, se torna necessária para preservar no presente o que ainda não está definido como meta, Como nos diz Marcuse em *Filosofia e teoria crítica (1998)*, a fantasia tem uma relação essencial com a filosofia e tal relação foi designada ao longo da história da filosofia por filósofos com Aristóteles e Kant sobre o título de imaginação. A fantasia liga o sonho com a realidade, preserva arquétipos do gênero e as imagens e tabus de liberdade que foi traído e negado ao longo do desenvolvimento do homem e da civilização,

A fantasia é sobre tudo, atividade criadora da qual fluem todas as possibilidades, na qual todos os opostos mentais, assim como todos os conflitos entre o mundo interno e externo se unem. A fantasia sempre constituiu a ponte ente as exigências irreconciliáveis entre sujeito e objeto (JUNG, 1967, Apud MARCUSE, 1972, p. 138).

A fantasia já não era algo novo quando Freud a destaca em sua teoria, no entanto, sua contribuição reside na demonstração de sua origem e sua ligação com o princípio de prazer. Como nos diz Kangussu (2015, p. 144) Freud reconheceu que, em sua origem, a fantasia quando ainda matinha ligação com o ego, teve essa relação alterada pela introdução do princípio de realidade que provocou uma cisão no parêntese mental. Onde uma parte desse aparelho foi canalizado para o domínio do princípio de realidade e a outra se manteve livre desse controle.

Sob o domínio do princípio de realidade quem prevalece é a razão. A razão é algo desagradável, mas se torna útil, a fantasia permanece agradável, porém inútil, mero jogo e divagação. Ela continua falando a linguagem do princípio de prazer, enquanto que a realidade age de acordo com as leis da razão,

Enquanto o ego era anteriormente guiado e conduzido pela *totalidade* da sua energia mental, agora é orientado unicamente por aquele sua parte que se conforma ao princípio de realidade. Somente essa parte pode fixar os objetivos, normas e valores do ego; como *razão*, torna-se o repositório único do julgamento, verdade, racionalidade; decide o que é útil e inútil, bom e mau (MARCUSE 1972, P. 132).

O princípio de realidade se estabelece fazendo o uso repressivo das pulsões primárias, no qual estas lutam por se manter e anular, sem sucesso, o princípio de realidade. São constantemente desviados de seus objetivos pelo próprio progresso que sua energia está agora a serviço. Nesse jogo, a imaginação luta por realizar seus desejos e por reivindicar a unidade cindida pelo princípio de realidade, ela tem seu próprio valor e um valor autêntico que corresponde uma experiência própria.

A imaginação como processo mental e com livre acesso entre as duas esferas da mente humana, tem como tarefa fazer uma reconciliação do particular com o universal, do desejo com a realidade, reconciliar felicidade e razão. Isto é, resolver os antagonismos que surgiram na origem do indivíduo e civilização, onde essa harmonia tem sido deslocada para a utopia<sup>103</sup> pois se tornou incompatível com a regência do princípio de realidade. “As verdades da imaginação são vislumbradas, pela primeira vez, quando a própria fantasia ganha forma, quando cria um universo de percepção e compreensão – um universo subjetivo e, ao mesmo tempo, objetivo. Isso ocorre na Arte” (MARCUSE, 1972, p. 135).

---

<sup>103</sup> Marcuse fala a respeito do caráter utópico de uma possível transformação social, posto pela sociedade contemporânea, na introdução do livro *Um Ensaio para a Libertação*. Nele ressalta a dinâmica da produtividade que priva a utopia de sua realização. Pois entende que aquilo que não é considerado como utópico pela sociedade estabelecida não é aquilo que não tem um lugar na sociedade, mas aquilo pelo qual a sociedade contemporânea impede de acontecer. Nesse sentido utópico e aquilo que se realizou – ainda. Herbert Marcuse, *Um Ensaio para a libertação*, Lisboa, 1977, p. 14.

A arte é a forma mais explícita do “retorno do reprimido”, a imaginação artística é um agente que molda a “memória inconsciente” das promessas de liberdade que fracassaram, que foram traídas, mediante a repressão do princípio de realidade. Ela é um elemento de oposição tanto para a repressão institucionalizada como para a imagem do homem como um sujeito livre, mas na verdade, vive um estado de não-liberdade. A imagem de liberdade mantida pela arte se dá na negação da não-liberdade.

Marcuse afirma que não há uma obra de arte seque, desde o despertar da consciência, que não represente conteúdos arquetípicos. E isso é possível, afirma, por que a arte tem um aspecto catártico, se com base em Aristóteles sobre efeito catártico da arte que assume uma dupla função, “ao mesmo tempo opor e reconciliar; acusar e absorver; recordar o reprimido e reprimir de novo – ‘purificado’” (MARCUSE, 1972 p. 135). Assim a arte expressa, embora de forma ambivalente, o retorno da imagem reprimida de libertação.

A fantasia traz lembranças de um passado arcaico onde vivia sobre uma satisfação plena das necessidades, sem esforço. Porém reconheceu racionalmente a incapacidade de viver sobre o princípio de prazer, pois ele (o princípio de prazer) se tornou incoerente com a realidade. A ideia de um novo princípio de realidade, afastando-se da repressão por ele exercida, onde tal princípio pudesse se converter em realidade histórica tendo como a imagem da fantasia servindo de parâmetro para as novas e futuras realizações inconquistadas na realidade estabelecida, tudo isso, era tido como retrocesso e utópico na teoria freudiana.

O valor de verdade da fantasia tem relação não apenas com o passado, mas também com o futuro, as formas de liberdade e felicidade por ela invocadas pretende uma emancipação da realidade. Seu valor de verdade se encontra também na recusa em aceitar como finais as limitações impostas pelo princípio de realidade em relação a liberdade e felicidade. Marcuse nos diz que sua recusa em esquecer o que *poder ser*, esta a função crítica da fantasia.

A relegação de possibilidades reais para a ‘terra de ninguém’ da utopia constitui, só por si, um elemento essencial da ideologia do princípio de desempenho. Se a construção de um desenvolvimento instintivo não-repressivo se orienta, não pelo passado sub-histórico, mas pelo presente histórico e na civilização madura, a própria noção de utopia perde seu significado.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com Kangussu (2008), Marcuse em relação à memória, a tem como uma faculdade cognitiva que guarda a insolúvel tensão entre a ideia e o real, a potência e sua

atualidade. E destaca que ele retoma a visão “platônica” de Marx, em novas bases, apresentada em *Manuscritos economicos-filosoficos*, a tese de que o conhecimento é uma recordação das formas (eidos) das coisas que aparecem distorcidas na realidade. Acrescenta ainda que há uma diferença entre a questão da memória apresentada por Platão, uma vez que, em Platão a rememoração inclui o esquecimento das formas sensíveis.

Em Marcuse, a forma é entendida como imagem capaz de iluminar o que há de fato na maneira como as coisas são percebidas na realidade mutilada. Dessa maneira a imaginação alimentada pela memória aparece como uma atividade mental que contém um alto grau de liberdade frente ao princípio de realidade estabelecido,

A lembrança do passado pode causar *insights* perigoso e a sociedade estabelecida parece estar como medo dos conteúdos subversivos de memória. A lembrança é um modo de distanciamento dos fatos dados, um modo de “mediação” que rompe, por poucos momentos, o poder onipresente dos fatos dados. (MARCUSE 2015, p. 118).

O valor de verdades da memória se vincula na função específica de manter vivas as promessas e potencialidades que foram traídas, mas que não são esquecidas. Segundo Adorno e Hockheimer (1985, p. 178) As pessoas agem de forma a recalcar a história dentro de si mesma e dentro das outras, por medo de que elas possam recordar a ruína de sua própria vida.

Quando Marcuse retoma a ideia de Freud segundo o qual o princípio de prazer está sob o domínio do princípio de realidade, afirma que o princípio de prazer permanece na intemporalidade, ao contrária do princípio de realidade, que tem sua existência na subjugação ao fluxo do tempo, isto é, os impulso reprimidos foram alocados para o inconsciente (o Id) e não é regido pelo tempo, ao contrário do consciente (Ego). Nesse sentido Marcuse no diz que “o fluxo do tempo é o maior aliado natural da sociedade na manutenção da lei e da ordem, da conformidade das instituições que relegam a liberdade para os domínios da utopia” (MARCUSE 1972, p. 200).

O Ego está condenado a uma resignação metódica do tempo, e esse fluxo do tempo age de maneira a propiciar no homem o esquecimento dos tempos passados e também as esperanças de futuros melhores. Marcuse nos diz que esquecimento surge, dentro da realidade estabelecida, como a capacidade de fazer uma higiene mental em relação ao domínio da civilização na qual a vida se tornaria insuportável. Por outro lado, “esquecer é também perdoar o que não seria perdoado se justiça e a liberdade prevalecerem. Esse perdão reproduz as condições que reproduzem injustiça e escravidão: esquecer o sofrimento passado é perdoar as forças [...] sem derrotar essas forças” (MARCUSE 1972, p. 200).

A retomada da teoria freudiana das pulsões, procura nos mostrar que os desejos e imagens de um modo livre de existência, de um mundo em que as pessoas eram governadas pelo princípio de prazer não desapareceram, não foram eliminadas, elas reaparecem e acusam a consciência unidimensional. A dominação do princípio de realidade sublimou tais desejos, mas esses permanecem livres no inconsciente, e de forma intemporal se mostram na realidade como forma de confrontar o estabelecido.

Assim a imaginação alimentada pela memória traz ao presente as lembranças de um passado glorioso, mas não uma simples lembrança, junto, vêm as esperanças de construção de um futuro diferente, assim a fantasia mantém seu valor de verdade nessa experiência subjetiva que se objetiva ao ganhar forma criando um universo objetivo nas representações artísticas. A arte se mostra como o mais visível “retorno do reprimido”, onde Marcuse considera que, após um despertar da consciência de libertação, não existe uma só obra de arte autêntica que não expresse os desejos de libertação.

A arte aparece como a grande recusa em aceitar a imagem do homem como um sujeito livre, quando na verdade os indivíduos vivem num estado de restrição de sua liberdade, assim a arte só pode sustentar a imagem de liberdade se contrapondo a essa ideia de liberdade restringida. A estética em Marcuse segue seu modo dialético de pensamento, não se restringe apenas a uma crítica a um estado de coisas, mas se mostra como base para uma nova sociedade qualitativamente diferente.

### **REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

MARCUSE, Herbert. **Homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade**. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. Edipro, São Paulo, 2015.

\_\_\_\_\_. **Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica de Freud**. Tradução: Álvaro Cabral, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1972.

\_\_\_\_\_. **Um Ensaio para a Libertação**. Tradução: Maria Ondina Braga, Livraria Betrand, Lisboa, 1977.

\_\_\_\_\_. **Razão e revolução: Hegel e advento da teoria social**. Tradução: Marília Barroso, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1978.

\_\_\_\_\_. **Prefacio a la edición francesa**. In: el ombre unidimensional. Tradução: Antonio Elorza Ed. Planeta Agostini, Buenos Aires, 1993. p. 07 – 14.

\_\_\_\_\_. **Tecnologia Guerra e fascismo**. Editor: Douglas Kellner, Tradução: Maria Cristina Vidal Barbosa. Revisão de Tradução: Isabel Maria Loureiro. Fundação Editora da UNESCO, São Paulo, 1999.

\_\_\_\_\_. **Arte na sociedade unidimensional**. In: Teoria da cultura de massas. Comentário e seleções de Luiz Costa Lima, paz e terra, São Paulo, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cultura e Psicanálise**. Tradução de: Wolfgang Leo Maar, Robespierre de Oliveira, Isabel Loureiro. Ed. Paz e Terra: São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. **A dimensão estética**. Tradução: Maria Elisabete Costa, Edições 70, Lisboa, 2007.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução: Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar. 1985.

DORIA, Francisco Antonio, **Marcuse Vida e Obra**. Paz e terra, Rio de Janeiro, 1983.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de Prazer**. Tradução de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

HORKHEIMER, Max, **Eclipse da Razão**. Tradução: Sebastião Uchoa Leite, Centauro Editora. São Paulo, 2007.

KANGUSSUS, Imaculada, **Leis da Liberdade: a relação entre estética e política em Marcuse**. Edições Loyola, São Paulo, 2008.

KELLNER, Douglas. **Prefácio, In: O Homem Unidimensional**, 1 edição, 2015, p 09 – 30.

KONDER, Leandro, **Em Torno de Marx**. Boitempo Editorial, São Paulo, 2010.

MARX, Karl, ENGELS, Friedrich, **Manifesto do partido comunista**. Tradução, prefácio e notas: Edmilson Costa. Apresentação: Anníbal Fernandes, Edipro, São Paulo, 2015.